

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 5000 réis Provincia e illhas: trimestre ou 6 numeros..... 12000 Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 12000 Numero avulso..... 5000	N.º 45	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, St. Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

VIAGENS DE COELHO DE CARVALHO

(CARTAS A CESARIO VERDE)

Ha quanto tempo não dorme defronte de mim este original e pittoresco livro, á espera, não de poder lê-lo, o que fiz logo que o recebi, mas de poder dar conta d'elle aos leitores, nem eu já sei dizê-lo.

Cá estou hoje, porém, a cumprir a promessa, e começo por dizer-lhes que o livro de Coelho de Carvalho é ao mesmo tempo a obra de um artista e de um pensador, o que dá por vezes ás suas paginas um colorido especial e imprevisto, que de certo haverá chocado mais de um apreciador do *regular* e do *proporcionado* nas lettras.

Quer isto dizer que deva esse processo, que Coelho de Carvalho adoptou, considerar-se um defeito? De modo nenhum: para mim é elle até uma das mais brilhantes se não a mais brilhante qualidade que recommenda o livro, e que lhe dá o alto valor que elle tem, apesar do tom ligeiro e despretencioso em que está escripto.

É um trabalho ligeiro, que vale mais do que innumerados trabalhos pesados; e juntamente com as *Viagens em Hespanha* de Anselmo de Andrade, que em varios pontos modifica ou neutralisa o absoluto dos conceitos por aquelle formulados, podem-se considerar os dois mais curiosos e interessantes volumes que sobre o seu assumpto se têm publicado em portuguez.

Disse absoluto dos conceitos, e é esta violencia de opiniões que, quanto a mim, prejudica de longe em longe a superioridade da obra.

Por vezes Coelho de Carvalho, dominado pela febre da synthese, generalisa de mais, como quando imagina ter desenhado com duas simples palavras, uma das quaes até nem se pronuncia em boa sociedade, o caracter original e inconfundivel do mais pittoresco e mais typico paiz de hoje...

Não, meu caro Coelho de Carvalho, a Hespanha, ou, para traduzir melhor o seu pensamento, a *Castella Nova*, não é precisamente o que você imagina e avança, e Madrid tambem, em que peze aos barcelonezes, não é igualmente e unicamente a doida cidade de *broma* e de prazer, que tantos se comprazem em descrever ou figurar.

Ao lado da sua população fastienta e airada, que vive do jogo e da bohemia, que só pensa em gosar e em rir, ha hoje uma forte, uma larga vida intellectual como a nossa pacata Lisboa não sonha sequer; e nem a sua Academia de Historia, nem o seu Lyceu das Artes, nem o seu Livre Atheneu, nem nenhum em summa dos seus centros litterarios, artisticos e scientificos se assimilha, mesmo de longe, aos nossos tristes e lamentaveis estabelecimentos de igual genero, a começar na nossa veneranda academia, que tirante as honrosas excepções individuaes que todos nós respeitámos é... o que os senhores muito bem sabem...

Quanto á litteratura, da qual meia duzia de confrades portuguezes, porque mal a conhecem, resolveram em sua alta sabedoria decretar que estava mais atrazada que a nossa, convem não esquecer que está vivo ainda Campoamor, que ha lá romancistas modernos como o auctor da *Doña Perfecta*, como Valera e como Pereda; poetas como Becker e Antonio Grillo; oradores como Castelar e Moret; publicistas como Cánovas del Castillo, que vem agora mesmo de publicar um curioso trabalho precisamente sobre Portugal e Hespanha, Pi y Margall, e tantos outros que espero que suas excellencias os alludidos confrades não considerarão em absoluto umas nullidades...

Voltando, porém, ao livro de Coelho de Carvalho é com jubilo que declaro que ao lado d'estas violencias de opinião que lhes citei ha n'elle mil notas perfeitamente justas como observação e como critica, algumas das quaes adquirem, apesar de simples traços, a flagrante justeza de retratos, e a par d'ellas finas ironias graciosas, delicados bosquejos de psychologia que os proprios castelhanos serão os primeiros a apreciar.

É, por exemplo, flagrante de verdade a pintura da mulher hespanhola em geral, e são por igual exactos e bem achados os elementos que o auctor considera como determinantes do caracter da raça e do povo.

Este modo de ver inspira-lhe mesmo algumas curiosas e brilhantes paginas em que, feitos quicá certos coefficients de correção, indispensaveis a quem a miudo se deixa vencer pela influencia do seu rico mas despotico sangue algarvio, ha muito de verdadeiro e de justo.

Quanto ao capitulo em que o auctor estuda o theatro hespanhol confesso que o acho quasi, quasi perfeito, porque é effectivamente impossivel, anti-natural

e anti-artística, pelo menos no geral, a declamação dos actores e actrices do vizinho reino, e o seu repertorio dramático não se me afigura em absoluto de primeira ordem; mas ainda aqui farei as minhas reservas com respeito á fôrma em extremo radical como o meu amigo avalia a metaphora.

Parece-me rigoroso, e julgo que foi um allemão — deve ter sido — que escreveu um grosso volume para o fim de provar a razão de ser psychologica e litteraria d'essa interessante figura. . . Supponho até que a obra se intitula: *Do logar da metaphora na linguagem*, e segredam-me aqui do lado que esse trabalho foi premiado por uma academia de sabios. . .

Como quer, porém, que seja, não acho em verdade justa a sua aversão pela *imagem*; como poeta que é afigura-se-me mesmo descaravel tal sentimento da sua parte, porque, com franqueza, o que é a poesia senão uma maior ou menor successão de *imagens*?

Que Coelho de Carvalho exija, como se pôde exigir ás outras, que ella seja fina, litteraria, justa, conveniente; mas que queira supprimal-a, discordo. Tanto mais que se nos roubam a metaphora, a imagem, o tropo emfim, podem desvanecer-se que a fazem bonita. . .

Estou, porém, convencido que o autor das *Viagens* já a estas horas, em que por certo terá perpetrado mais de uma, em verso, e em prosa, está arrependido do que avançou, e quem sabe mesmo se não offereceu já a Santa Rhetorica uma metaphora em cera — para expiação do seu dito. . .

De resto este mesmo assumpto do theatro inspiralhe, depois curiosas considerações sobre as correntes que originaram a litteratura castelhana, e por fim chegámos ao capitulo em que o poeta nos falla do notavel e maravilhoso museu de Madrid, e das duas gloriosas e immortaes escolas de pintura peninsular, capitulo que eu considero o melhor e o mais bello do livro, e onde a miudo o poeta dá o braço ao historiador e ao critico, trazendo-nos d'esse convívio fecundante e suggestivo observações finamente buriladas com arte e largamente penetradas de elevação e de sciencia.

Ao mesmo tempo reivindica para Portugal a honra de ter dado origem ao mais illustre mestre da escola hespanhola, ao grande Velasquez, filho de João Rodrigues da Silva, da nobre casa dos Silvas, e que tomou o seu segundo nome da senhora com quem casou, Jeronyma Velasquez, e suscita a idéa, muito para meditar, de quão curioso seria o trabalho de critica historica que visasse a estudar a influencia exercida em Hespanha pela arte e litteratura portugueza, por occasião da annexação de Portugal a Castella.

Quer-me parecer, como ao auctor, que era essa uma tentativa realmente interessante e gloriosa para nós; e a fina intuição artistica, que só um poeta pôde ter, e que o levou a fazer descobrir esse filão de conjecturas prováveis que, confirmando-se, tão brilhantemente refluiriam sobre o mais doloroso periodo da nossa historia, não é cousa para se desprezar, e merece pelo menos os agradecimentos de todos os que sinceramente amam e comprehendem a missão sympathica de Portugal na confederação da península. . .

É do mesmo modo curioso o que o livro nos diz de Philippe IV, que pessoalmente não merece os feios epithetos com que o nosso patriotismo inflammado e inflammavel tanto o escorchou, e do qual agora mesmo Cánovas del Castillo tenta provar, que alem de grande espirito era politicamente tão habil, que pensava em dar a Portugal muitas das regalias que os seus antecessores lhe haviam extorquido.

E para não fatigar sem vantagem a attenção dos leitores, dir-lhes-hei apenas que toda esta parte do livro é duplamente interessante e illucidativa como critica e como historia, até que chegámos a Barcelona, capitulo que o auctor escreveu, evidentemente com um grande amor e um justificado enthusiasmo por essa briosa provincia tão cheia de seiva, tão rica de energia, tão transbordante de animação. . .

N'um ponto o auctor discorda de prodigioso movimento de Barcelona, e eu com elle, e é pelo que diz respeito ás tendencias particularistas, que ha tanto procuram fazer reviver o dialecto catalão, fixando-o n'uma lingua escripta e fallada, com pretensões a lingua official, tendencias que o tempo se tem encarregado de ir demonstrando haverem sido até hoje em pura perda, fóra do campo exclusivamente scientifico e erudito.

Ao que parece, porém, essa corrente procura ir ainda mais fundo, e creio que pela cabeça de muito barcelonez entusiasta tem passado a caprichosa e temeraria idéa de constituir uma Hespanha nova fóra da Hespanha actual, tal qual como alguns espiritos que se dizem bem informados contam passar ás vezes pela cabeça encandescida de um ou outro portuense visionario. . .

De resto estas velleidades separatistas desaparecem na corrente geral do bom senso, e Barcelona não soffre nos seus brios pelo facto de não ser a capital official das Hespanhas, e fica sendo sempre uma bella cidade, moderna pelos instinctos, pelas idéas e pelas aspirações.

Coelho de Carvalho brilhantemente o faz sentir, e esta parte do livro é, como lhes disse, por todos os titulos a mais interessante e a mais eloquente.

O resto é a descripção rapida e graciosa de Nice e de Monaco, e as suas paginas, sendo por certo menos importantes e menos vigorosas que as que nos pintam a Hespanha, encerram no emtanto incontestaveis bellezas, e entre outras cito a pintura colorida e viva de um sonho que o poeta desenha com uma psychologia sentida e palpitante, a historia d'essa grande roleta da Europa que se chama o principado de Monaco, a apreciação da musica d'esse original espirito que se chamou Wagner, e que representa com Berlioz a synthese de uma bella regressão á musica de Beethoven, produzindo um ideal novo e novas fórmulas de melodia e de harmonia, isto é, uma especie de renascença musical tendo do *antigo* o bastante para fecundar e originar o *novo*; — e finalmente passagens esparsas aqui e ali, denotando-nos o pintor no poeta e vice-versa, o que é o bastante para dar ás *Viagens* um logar invejavel e honroso entre os livros portuguezes da geração de espiritos a que o auctor pertence.

Dito isto, não curo de averiguar se escreveu uma obra prima, se os seus conceitos são sempre accepillados pela mais fina critica, e se porventura o livro

não será por momentos mais um livro doutrinário que um volume de viagens; pôde ser que assim seja, e juntamente que o auctor nem sempre tenha acertado nas suas apreciações; mas o que inconteavelmente elle nos deu foi um trabalho que se lê, e onde ha *notações* exactas e pictoescas, paginas de um lavor litterario que não se esquecem, e sobretudo muita independencia de critica e de opinião, o que, quanto a mim, julgo sufficiente para se fazer um livro curioso sempre.

Que elle só me desculpe de lhe ter vindo dizer isto tão tarde é o que eu desejo, e que brevemente nos dê mais algum volume—é o que não só eu então, mas todos, esperaríamos e desejamos.

AFONSO VARGAS.

AS DESCOBERTAS SCIENTIFICAS

V

Que seria ainda hoje o mundo se a bussola, o bordão do marinheiro no alto mar, não tivesse sido descoberta e applicada? Um conjunto de povos separados e desconhecidos uns dos outros, que não teriam saído ainda de uma civilização rudimentar!

Foi, pois, esse instrumentosinho, que affirmam ter já sido usado pelos chins mil annos antes de Christo, mas desconhecido na Europa até quasi fins da idade média, quem poz em relação os diferentes povos que habitam o globo, abrindo-lhes o caminho dos mares nunca d'antes navegados!

Os jutos e os normandos, porventura os navegadores primitivos mais ousados, mesmo a par dos gregos e phenicios, serviam-se de corvos, em suas arrojadas navegações, para conhecerem, quando a terra lhes fugia de vista, qual era a posição de seus navios com relação a ella. Se os soltavam e elles desapareciam, é porque a terra estava perto; se voltavam, estava longe, e a direcção do vôo d'essas aves indicava-lhes, em qualquer dos casos, o sitio em que se encontrava.

Seria esse systema rudimentar, — embora com a ajuda talvez só d'elle se fizesse ha centenas de annos a descoberta da Islandia, e a primeira visita de europeus ao continente americano, — o sufficiente para a realisação da descoberta do caminho marítimo da India? Não!

Sem a agulha de marear a navegação seria sempre um acaso, uma temeridade, sem jamais exercer influencia alguma decisiva na civilização dos povos!

É pois a esse instrumentosinho, de tão simples apparencia mas de tão extraordinarios resultados, que o mundo deve o inicio do seu grande desenvolvimento progressivo, ao mesmo tempo que é elle quem marca o primeiro passo no caminho das descobertas da grande sciencia electro-magnética!

O mysterio da attracção do iman, chamando a attenção do homem para essa particularidade, fez-lhe descobrir que não só esse mineral do ferro a possuia, mas que tambem outros corpos como a resina, o vidro, o lacre, o ambar, etc., a podiam adquirir quando friccionados, manifestando-se n'elles esse phenomeno de dois modos diversos—positivo e negativo.

A descoberta da possibilidade de communicar essa influencia a qualquer barra de ferro cria a agulha magnética, que já no seculo xvi Gilbert explica categoricamente, demonstrando que a terra constitue um grandissimo magnete cuja influencia dirige a agulha imantizada.

A datar d'ahi a investigação do homem jamais cessou de se dirigir para esse phenomeno, forçando por lhe arrancar segredos e applicações que elle se mostrava avaro em conceder-lhe.

Uma descoberta fortuita, porém, accende em fins do seculo passado amplo luzeiro para a sciencia: Galvani, observando que umas rãs que pendurára nas grades de sua janella, manifestavam, ao tocarem nos varões de ferro, vivissimas contracções musculares, estabelece a theoria de um fluido magnetico vital, que, embora não ratificada pela experiencia, teve, comtudo, a grande gloria de inspirar a Volta a invenção da primeira pilha.—Estava lançada a base fundamental da electricidade dynamica!

E prouve ao acaso collocar a fortuita descoberta de Galvani em 1789, como querendo confundir n'uma só as duas eras gloriosas—os direitos do homem e a creação definitiva d'esse ramo da sciencia!

Pouco depois descobre Ersted a intima analogia existente entre a electricidade e o magnetismo, e é a datar d'essa epocha que a industria, lançando mão d'esse invento, que até então se conservára recluso no fundo dos laboratorios, o obriga a desentranhar-se n'essas extraordinarias applicações, que n'este momento estão produzindo o assombro universal.

Posta ao serviço da chimica, a electricidade levou esta sciencia ás ultimas concepções; aproveitada pela medicina, realisa os mais sorprendentes effeitos physiologicos; penetrando finalmente nos ateliers metallurgicos, deu-lhes a galvanoplastia, que leva a sua utilidade até á exacta reproducção dos objectos metallicos, creando assim para essa arte a vulgarisação que a imprensa estabeleçera para as letras!

Applicada á telegraphia, supprimiu as distancias, transmittindo os pensamentos atravez o espaço quasi com a mesma rapidez com que o proprio pensamento as percorre, e, sublimando-se no telephone, conseguiu levar a mesma voz humana ao ponto em que ella deseja ser escutada.

Mas ainda se não contentou, e, a par de tamanhos jorros de luz que lançou ao espirito da humanidade, deu-lhe tambem o doce brilhantismo do seu arco voltaico, que, de aperfeicoamento em aperfeicoamento, talvez um dia possa, permitta-se-nos a hyperbole, substituir com vantagem o luzeiro do astro do dia.

Mas tambem a mechanica foi pedir-lhe o concurso da sua força para com ella substituir o vapor, e acaso não tardará muito que elle tenha de desaparecer diante d'essa rival poderosissima.

Já hoje em dia o electro-magnetismo, applicado a primeira vez por Jacobini como motor de um barquinho que navegou na embocadura do Neva, põe em movimento muitos caminhos de ferro, e as experiencias succedem-se em toda a parte com o fim de procurar adaptal-o á tracção de um modo economico e definitivo.

Que esse *desideratum* se realisará ninguem o põe já em duvida, e é á força motriz da electricidade,

que, além d'isso, ha de caber a grandissima gloria de resolver o problema tão debatido da dirigibilidade dos balões—essa prodigiosa invenção que será o vehiculo do futuro.

CESAR DA SILVA.

A IMPRENSA

Debaixo de tres fórmãs se manifesta a imprensa jornalística quando observada pelo prisma da analyse; são tres as suas grandes divisões: politica, noticiaria e scientifica.

Examinemos fria e imparcialmente cada uma de per si, para conhecermos qual a mais proficua.

Cada uma das fórmãs, é verdade, reina no seu campo; mas qual será mais vasto?

O da politica, o da noticia, ou o da sciencia? Não é necessario um detido exame, não se precisa d'uma agudeza de espirito sem rival, para logo, e sem receio de errar, se dizer—o da sciencia—; além de mais vasto, é o mais attrahente, e é talvez o mais illustre.

Comecemos pois.

A fórmã *politica* só nos mostra como se approvam ou reprovam, quasi de officio, quasi por dever, os actos governamentaes.

Vemos que a maioria na sua reunião faz a promessa solemne (sem comtudo chegar a jurar) de defender e apoiar os actos dos governos, e que a minoria faz protestos diametralmente oppostos. D'onde se conclue que tanto a accusação como a defeza são obrigatorias.

Mas os debates, as polemicas sem treguas, despertam a attenção ainda do mais desapaixonado, quando dois vultos quasi se desfazem no fervor da peleja; vê-se então quanto póde a logica, com que rapidez se forjam argumentos!

É sempre com enthusiasmo que se lêem os jornaes partidarios, e com rancor os adversos. As propostas do antagonista são sempre rejeitadas, as promessas recebidas com riso sarcástico.

Vultos eminentes, é innegavel, se têm apresentada, mas a implacavel morte não lhes permite que se debatam além de um praso limitadissimo —a ephemera vida—, e depois da refrega inopinadamente finda, todos os estandartes se enlutam, e ninguem ha que se não curve reverente perante o corpo inanimado do estadista que para sempre vae desaparecer. A historia depois consagra-lhe uma pagina, aponta o seu nome rodeado d'uma aureola de gloria.

A *noticiaria* ou nos informa dos acontecimentos que se vão passando, ou se allia á *scientifica*, ajudando-a, pondo-nos ao facto de novos triumphos.

No primeiro caso, só interessa emquanto um outro successo não vem tirar a novidade ao anterior, no segundo, são mais relevantes os seus serviços.

É a *scientifica* a que exclusiva e principalmente se encarrega de expor e demonstrar as recentes theorias, a que tem por unico fim velar pelos progressos da sciencia e proclamar-os. Não tem inimigos, todos são seus alliados; se duvida é para ter certeza, se estabelece discussão e com proveito.

A sciencia tem já avançado muito, caminha como que a passos gigantescos, as descobertas succedem-se com curtissimas intermittencias, mas o terreno

a conquistar é maior, sem duvida, que o já conquistado.

Sem esta fórmã da imprensa a sciencia caminhará muda, para assim dizer, as experiencias não se ajudariam mutuamente, e não haveria de certo o amor pelo estudo.

Guardando o devido respeito por toda a imprensa jornalística, é a scientifica a que mais dotes reune, a que mais contribue para a civilisação.

Todavia no reino da gloria não têm distincção os nomes illustres de Torricelli, de Archimedes, de Victor Hugo ou de Fontes.

LTDIO.

COUSAS UTEIS

Palha triga.— Os srs. Ramsoms & Sims, de Ipswich, inventaram umas machinas de vapor com o fim de malhar o trigo e utilizar a palha como combustivel. Isto é bom para os paizes atrazados na sua industria como o nosso, pois na Belgica o sr. Irty, grande fabricante de papel, manda fazer o serviço da malha aos lavradores em troco da palha, que elle transforma em papel branco e de cores, fino, do qual elle nos fornece uma boa porção por anno. A herva verde está sendo um excellente material para papel, e nós temos no Minho bastante e muitas outras materias vegetaes, que dariam um excelente papel e o bom papelão que vem de fóra.

MADAME

D'entre as densas ramarias
A que se enroscam as heras,
E que têm nas primaveras
Sons, perfumes e alegrias,

Ouvi, todo extasiado,
Entre as ramagens espessas,
Umas risadas travessas
Subindo como um trinado.

E ella então passou risonha,
Qual uma nymphã bonita
Que os sonhos de um fauno habita,
Se algum fauno tambem sonha.

Se visse o gentil meneio
D'aquella esbelta figura,
Santo Antão n'uma loucura
Dizia-lhe um galanteio.

Nem ha boquinha mais fresca,
Nem olhar que mais sorria;
Era a deusa da Alegria
Na floresta pittoresca.

A atmosphera que o sol doira,
Ao passar d'aquella fada,
Achou-se toda impregnada
De um bom perfume de loira.

A gargalhada sonora,
A frescura, a loira trança
Lembraram-me uma creança
Que era linda como a aurora,

Que d'esta mulher tão bella
Era como a miniatura...
Até julguei, que loucura!
Por momentos que fosse ella.

Mas, d'esta em volta, um enxame
Ia de altos diplomatas,
Que em suas fallas exactas
Todos diziam:—Madame!

JOÃO DA CAMARA.

NA FLORESTA...

Tangl, o fiel e valente molosso do muito alto e poderoso Graf, senhor do Castello, tinha acabado de desbrugar um osso que com as suas próprias mãos patricias lhe havia atirado a filha do seu dono, e preparava-se para atacar um segundo, quando — fraquezas naturaes em homens — e em cães — lhe so-

breveu uma como somnolencia embriagadora e langorosa, que o fez abandonar por alguns momentos a preza, para se entregar ao descanso.

N'isto, alguns passaritos que adevavam perto, vendo-se apenas em presenca do infinito — e do osso, sem temerem aquelle, e desejando, quanto mais não fosse, espicaçar este, desceram surrasteiros e leves, enquanto alguns companheiros, mais prudentes ou mais pesados, se preparavam para os imitar



Mas, oh tristura, não ha felicidade completa n'este mundo; Tangl acordou, e com as palpebras meio descerradas fitou os temerarios commensaes, roubadores do seu privilegiado acepipe.

Estes, de assustados, ficaram sem poder voar, nem comer; mas Tangl, generoso e grande, e alem d'isso ainda com alguma preguiça, não se dignou mesmo ladrar-lhes, e ficou-se a olhal-os como que achando graça a esse atrevimento de verdadeiros garotitos do ar, e nem sequer pensou em disputar-lhes uma esquirola...

Moralidade: As bicadas dos pequenos, quando são dadas com graça e finura, não incommodam os grandes.

Tal é o assumpto da nossa gravura, copia de um quadro que teve uma hora de celebridade, e que hoje figura na galeria de um yankee rico e amador de quadros intencionistas e suggestivos...

A consciencia é uma força da natureza grande de mais para ser inteiramente dominada; podem reprimir-a algum tempo, adormecel-a mesmo, mas circumstancias ha que a despertam, e uma vez accordada ella brilha no espirito dos criminosos com todos os horrores de uma invisivel lej e de um futuro julgamento.

BLAD.

Depois do presente do anel, o Medeiros ficára peor de dinheiro. Lembrou-se do Cruz, mas esse tinha onde o gastar. E ao Sousa, a quem repugnava pedir mais, era afinal a quem irremediavelmente tinha de recorrer.

Estava no meado do mez, fundára já mais do que a mezada, e precisamente, á noite, havia de ir, como sempre, ao café, generoso e endinheirado.

Resolveu esperar o Sousa, no quarto.

O dia estava esplendido, de fóra, da rua, cheia de movimento, vinham ruidos confusos, pregões altos, esgançados, e o ruído surdo de carros de lixo que se arrastavam pesados n'um destilar comprido com o tilintar das campainhas.

Pela janella, aberta áquelle sol brilhante e bom, entrevia-se uma nesga do céu azul.

Defronte, nas aguas furtadas, as velhas chamavam com uns *pst, pst*, assobiados.

Quando o Sousa entrou, fez-se surprezo de encontrar o Medeiros, sentado na cama. Que milagre, menino, áquelle hora em casa!

— Estou aborrecido, homem, que queres tu, e foi directamente:

— Querias-te pedir um favor.

O Sousa poz-se serio, compenetrando-se da situação e do seu logar.

— Á ver...

O Medeiros começou:

Tu sabes quanto é a minha mezada, ora este mez foi-se-me tudo mais depressa do que eu julgava, e com franqueza, estou sem vintem; e — repetia, olhando fixamente o Sousa, — litteralmente sem vintem.

Levantou-se, deu um puxão ás calças, e começou passeios curtos pelo quarto pequeno.

— Já deves adivinhar o que te quero pedir.

— Sim! comprehendendo...

— Ora nós estamos a vinte, e d'aqui a dez dias...

— D'aqui a dez dias...

— Pago-te o que te dever.

Então o Sousa, gloriosamente, explicou:

— Mas tu, ó menino, tu gastas demasiado, aquillo do café deves comprehendere que é um roubo. N'um alcouce, — e enchia a bôca, eloquente, — sim! n'um alcouce esbanja-se, não se gasta.

O Medeiros parára de mãos nos bolsos. O Sousa, sentado na cama, chapéu para a nuca, e bengala fincada no sobrado, continuava pausadamente:

— Ora tu esbanjas, tu deixas-te roubar, e o que tu queres, por fim arranja-se melhor e mais barato. E mais vê. O Pinto, que tu muito bem conheces, tem uma costureira, a Amelia, que nada lhe custa. O Cruz é o que tu vês, tem barriga, é obeso, é o typo do pae de familia, a infelicidade foi dar-lhe para aquillo e ficar-se a ver mamar o filho. O Tripas, o do Porto, está com a Lidia, a *dos arrótos*, e sêe-lhe barato... sêe-lhe barato, porque não lhe custa nada, e tu... tu nem Lidia, nem Amelia, nem cousa nenhuma, e...

O Medeiros fizera-se vermelho.

— Mas tu sabes o que quero eu?

— É boa, talvez casar com a hespanhola?

— Talvez... e então?

— E então, então, mas é boa! quem quer casar tem dinheiro, e não pede emprestado aos collegas. E levantou-se satisfeito da resposta, compenetrando-se mais do seu logar.

— Sim! porque isto de sustentar idyllios á custa alheia, isto de desejar cabanas e solidões, com passagem paga pelos amigos, e escala por cafés cantantes, é simplesmente estupendo, e, accentuava, simplesmente estupendo.

O Medeiros olhava-o mais vermelho. O Sousa então tomou outro tom.

— Convence-te...

— Não me convenço de cousa alguma... cala-te!

— O Sousa olhou-o fixamente e retomou a offensiva.

— Tu és um baboso, homem!

— E tu... tu és um asno, e desafojou, a passear depressa. Mas o Sousa arrendeu-se.

— Bem, e mexia no bolso do collete, olha cá, tu precisas de...

— De nada...

— Meia libra chegará, por hoje...

— Não quero nada.

— Bem, ahí tens meia libra, e punha-a cuidadosamente em cima da mesa.

— Já te disse que não quero nada.

— Mas isso, isso é uma tolice. O Medeiros parou, apon-tou-lhe o dinheiro.

— Guarda isso... ouviste! guarda isso.

O Sousa, de sorriso ironico, ia vagaroso para a janella.

Medeiros vendo-lhe o sorriso gritou-lhe.

— Guarda-o, percebe, guarda-o ou eu atiro-t'ó á cara.

Flegmatico, o Sousa voltou-se.

— Dispensou-te isso, e que diabo! depois tinhas o trabalho de o apanhar, já vês que é inutil!

— Canalha! e rubro de colera, Carlos Medeiros apanhou o tinteiro da banca e jogou-o com força ao Sousa.

As velhas defronte, que espreitavam admiradas do barulho, fecharam com ruído a janella, e de fóra, da rua, subiu o trinado de apitos, acordando a monotonia do bairro.

O Medeiros fez-se livido. Ao atirar do tinteiro o Sousa abaixára-se instinctivamente, e o tinteiro passára com uma trajectoria de tinta pela janella. As ultimas palavras o Cruz acudira.

O Sousa então olhando com desprezo e rancor o collega pallido, metter pelo corredor, e sentiu-se a cancella fechar com impeto. O Cruz saiu tambem, e o Medeiros sentou-se, livido e extenuado, n'um cama.

Pela rua fóra os apitos continuavam sempre, sentia-se o fallar da multidão em baixo, que examinava provavelmente d'onde viria aquelle tinteiro de ferro que quebrára inspidamente a cabeça a um transeunte do acaso, e esperava o Medeiros confuso e suspenso a entrada da policia brutal e inexoravel. Depois ouviu um subir de tropel, na escada. Então o Cruz á porta disse-lhe, foram ladrões. E viu o Sousa entrar, chegar-se á mesa, arrecardar o dinheiro, e ir-se.

D'ahi a pedaco o Medeiros saiu tambem, sobraçando dois grossos volumes.

A porta o Moniz do estanco, chamou-o. O Silverio lá estava tambem no grupo. Ao fundo da rua um magote de gente seguia empurrando-se, estendendo os pescocões a ver á frente.

— Então larapios na rua, hein? só Medeiros.

— Distrahido o Medeiros informou-se:

Um esfarrapado que agarrára mal dois queijos da mercearia defronte.

— Isto de ladrões, bramava o Moniz, isto de ladrões são como pulgas, torem-se mas fogem; precisavam d'uma torcidella que eu sei... torcidella mestra... torcidella mestra... p'lo gasetne... p'lo gasetne, pendurados n'uma corda... e ru agudo, um riso sinistro de carrasco.

ARNALDO FONSECA.

A ATMOSPHERA

I

Dá-se o nome de atmosphaera ao envolucro gazoso que, estando em contacto com o nosso globo, o acompanha em todos os seus movimentos, e cujas camadas sobrepostas se elevam alem das mais altas montanhas.

E constituida principalmente pela mistura de dois gazes, um — o *oxygeno* — proprio para a respiração e para as combustões, outro — o *azote* — improprio para estes phenomenos, desempenhando, porém, o importante mister de moderar a accção energica do primeiro; contém tambem pequenissimas porções de acido carbonico e de vapores de agua, e al. de outros gazes; o resultante d'esta mistura é o ar.

Os antigos philosophos consideravam o ar como um dos quatro elementos da natureza, e só depois do meado do seculo passado é que Lavoisier, em França, e Scheele na Suecia, demonstraram a sua composição. Todavia já antes d'estes dois illustres chimicos, os experimentadores haviam dirigido as suas atencções para este ponto. Assim, já no principio do seculo xvii o pharmaceutico Brun tinha notado que o estanho aquecido ao ar se cobria de um pó amarelado; não deu, porém, nenhuma explicação do facto. O me-

dico João Rey tentou explical-o, dizendo que o ar se tinha condensado e penetrará no metal, formando com elle uma mistura. Foi, contudo, depois das experiencias de Lavoisier e de Scheele que se reconheceu que o pó amarelado, de que o estanho se revestia, era um oxydo de estanho, isto é, um composto, em que não entra senão um dos elementos do ar atmosphérico — o oxygenio.

É tão simples a experiencia de Lavoisier, que não podemos deixar de a descrever. O methodo empregado por este sabio funda-se, é preciso saber, na propriedade que tem o mercurio de se oxydar em uma determinada temperatura, e de reassumir o estado metallico se a temperatura cresce.

A experiencia foi feita n'um apparelho, denominado *inferno de Boyle*, que consiste em uma retorta, cujo collo, curvado em S, vae abrir-se em uma campanula graduada, posta sobre o mercurio; na retorta deitou tambem mercurio, aqueceu-o até á ebullição, e manteve esta temperatura por espaço de doze dias.

No primeiro dia não observou nada de particular, no segundo viu fluctuar á superficie do metal pequenos corpos vermelhos, que nos seguintes sete dias augmentaram em numero e em volume, e ao cabo de doze dias achou que o volume do ar contido no apparelho tinha diminuido.

Depois d'isto, juntou a substancia vermelha e aqueceu-a n'uma retorta de vidro, munida de um recipiente e de um tubo recurvado, proprio para recolher gazes; e, decomposta assim a substancia, obteve uma quantidade de oxygenio que representava a differença entre o volume primitivo do ar e o do gaz que existia no fim da experiencia. O gaz restante, que era pouco mais ou menos $\frac{1}{5}$ do ar primitivo, tinha todas as propriedades do azote.

Ao mesmo tempo que Lavoisier executava a experiencia a que seu nome permanecerá eternamente vinculado, Scheele reconhecia que os sulphuretos alcalinos absorvem uma parte do ar, deixando um residuo consideravel, que não alimenta a respiração nem a combustão; n'uma palavra chegava ao mesmo resultado que Lavoisier; foram, porém, imperfeitas as analyses d'estes dois sabios, pois notaram mais de 27 por cento de oxygenio, quando o ar não chega a conter 21 por cento, como adiante veremos.

As experiencias de Dumas e Bousingault, as mais exactas, dão a seguinte composição á atmosphera, em volume representado por 100: oxygenio 20,8; azote 79,2; acido carbonico 4 a 6 decimas millesimas e vapor d'agua 6 a 9 decimas millesimas. O apparelho de que se serviram estes dois chimicos consta: 1.º, de um tubo por onde recebe o ar de fora da casa onde a experiencia se faz; 2.º, de um tubo de Liebig com uma solução concentrada de potassa; 3.º, de um tubo em forma de U cheio de fragmentos de potassa caustica; 4.º, de outro tubo de Liebig com acido sulphurico concentrado; 5.º, de outro tubo em forma de U cheio de pedra pomes embebida em acido sulphurico concentrado; 6.º, de um tubo recto, de vidro refractario, cheio de aparas de cobre, situado sobre um forno de folha de ferro, de maneira que possa aquecel-o em todo o comprimento, e tendo nas extremidades duas torneiras para se fazer o vacuo; 7.º, finalmente, de um balão de vidro, cujo collo é munido de uma torneira. Para procedermos á experiencia principia-

mos por fazer o vacuo no 6.º tubo, pesal-o e fazer-mos o mesmo ao balão; depois elevamos o mesmo tubo á temperatura rubra e abrimos successivamente as tres torneiras. O ar, entrando pelo 1.º tubo, atravessa primeiramente o 2.º e 3.º onde se despoja do acido carbonico, depois atravessa o 4.º e 5.º tubos onde abandona o vapor de agua, e, assim desembaraçado, chega ao 6.º tubo onde cede o oxygenio ao cobre e precipita-se no balão no estado de azote puro. Feito isto, fechamos as torneiras, esperamos que o tubo e o balão arrefeçam, e pesamos-os separadamente. O augmento de peso, que o 6.º tubo tem agora, exprime o peso do oxygenio que se fixou no cobre; a differença entre o peso do balão vazio e o do cheio de azote representa o peso d'este gaz. Esta experiencia mostra que em 100 partes de ar, em peso, entram 23 de oxygenio e 77 de azote; e se dividirmos estes numeros pela densidade do oxygenio, que é de 1,10563 e do azote que é de 0,9714, achamos que em 100 volumes de ar ha, como já dissemos, 20,8 de oxygenio e 79,2 de azote.

LXVII.

ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONENSE E ARTES CORRELATIVAS

CONTA DA RECEITA E DESPEZA NO ANNO DE 1888

Recetta:		
Quotas (20614)	15698120	
Jotas e estatutos	328080	
Juros de inscripções	2043000	
Cedencias de subsídios de varios socios	62160	
Juros de depositos do monte pio geral	153010	
Recebido da commissão que promoveu a recita extraordinaria em	2458000	
hora da associação	21758870	
Despeza:		
Subsídios	15608800	
Indemnisação a familias de socios fallecidos	303000	
Funeraes mandados fazer pela associação	92885	
Aluguer de trens para deputações	1362407	
Porcentagem ao recebedor	1503000	
Ordenado do facultativo	38000	
Visitas extraordinarias de medico a 3 socios	183000	
Vencimento do continuo	18000	
Premio de seguro da mobilia	48000	
Papel e impressos de recibos de quotas	18200	
Despezas diversas	20058552	

RESUMO

	Em mil	Em inscripções
Recetta	21758870	
Despeza	20058552	
Differença a favor do cofre	150318	
Saldo do anno anterior	4782760	6:800:000
Saldo que passa ao anno de 1889	6293078	6:800:000

Movimento associativo.—Numero de socios existentes em 31 de dezembro de 1887—304; admitidos 45; desistentes 13; fallecidos 8; existentes em 31 de dezembro de 1888.—418.—Numero de socios abonados com subsídios: por doença, 111; por inhabilidade, 10.

Corpos gerentes eleitos em assembléas geraes de 21 de janeiro e 5 de fevereiro de 1888.

Assembléa geral: presidente, Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa; secretarios, Julio Pereira Sande da Silva Coutinho e José Antonio Dias Coelho; vice-secretarios, José Maria Mendes e José Ignacio Guedes de Carvalho Menezes.

Commissão administrativa: presidente, João Luiz Venancio Serrão; secretarios, Miguel Julio Saraiva e Silvestre José de Andrade; thesoureiro, Eustaquio dos Santos; vice-thesoureiro, João Baptista dos Santos; vogaes effectivos, João Baptista Nogueira, David Sant'Anna e Joaquim Eusebio dos Santos; vogaes supplementes, Anselmo Antonio de Carvalho e Sebastião Martins.

Commissão revisora de contas: Adolpho de Mendonça, Henrique Felgueiras, João Baptista David, Joaquim Maria da Cruz e Luiz de Salles Monteiro.